

ANC 88
Pasta 77/79
049/1977

Assembleia
Constituinte

A Bandeira da Constituinte

Kuc X

Está cheia de razões a Arena com os estrilos que vem dando contra a convocação da Assembleia Constituinte aprovada pela convenção do MDB em Brasília. Pela primeira vez o partido do Governo passa a caudatário, fica a reboque da Oposição. A forma um tanto quanto petulante com que o senador Petrônio Portela manda recados ao sr. Ulisses Guimarães e seus companheiros de alto comando emedebista para que aguardem o momento preciso que ele, Petrônio, escolherá para restabelecimento do diálogo político, parece estar encerrada. O MDB tomou o freio nos dentes. E para que o façam engolir um diálogo, cujo princípio, meio e fim ninguém conhece, será preciso agora uma solução de força. E esta nunca esteve nas cogitações do suave sr. Portela, habituado a uma receptividade emedebista incondicionalmente amistosa e capitulacionista.

Comete um erro, mais produto de sua irritação que de sua inteligência, o líder do Governo no Senado, sr. Eurico Resende, quando quer minimizar a autoridade do MDB, classificando a convocação de uma Constituinte como "obra de um grupo de delinquentes". Não é verdade, nem os chamados radicais ou autênticos emedebistas foram a força propulsora deste movimento. O estandarte da Constituinte foi erguido por grupos extraparlamentares e extrapartidários de mais alta representatividade nacional. Porta-vozes da Igreja, do pensamento jurídico, lideranças intelectuais e numerosos chefes militares inativos, além de poderosos empresários, várias foram as expressões de decisão nacional que passaram às mãos do MDB a bandeira de uma Assembleia Constituinte. E mesmo contando em seu selo com uma ponderável facção moderadora, a con-

venção do MDB não poderia deixar de aprovar, como o fez, a tese da Constituinte; de outra forma, corria o risco de um irremediável divórcio com a opinião nacional, cuja maioria é hoje nem emedebista, nem arenista, mas simplesmente oposicionista. Isto é, democrática.

E essa força que poderá dar ao MDB elementos para retomar uma liderança que ninguém mais acreditava pudesse ela alcançar. Enquanto de um lado o partido do Governo estará dividido e discutindo nomes, as idéias, os princípios, as teses nacionais estarão nas reuniões, nos encontros, nos debates e até mesmo, num certo momento, chegarão às ruas. Pois o tal "miolo comunista" que o sr. José Bonifácio aponta à sua maneira como cabeça dominante do MDB pode ser contido e até mesmo encurralado, quando se trata de alguns, mas quando a paixão de uma campanha constitucional envolver milhões de brasileiros — o que pode ocorrer mesmo sem rádio e televisão — então as perspectivas são totalmente imprevisíveis.

Esta é uma nova oportunidade para o MDB. Com suas lideranças mais amadurecidas, os seus radicais mais contidos, as suas teses mais realistas, o MDB não deve mais dar chance à Arena para que escape da posição de reboque a que foi conduzida. E para isso não faltam malícia e inteligência aos srs. Ulisses Guimarães, Franco Montoro, Tancredo Neves e tantos dos seus jovens mosqueteiros.

S. W.

O Destino Necessário

A Arena levantou-se, como é de seu feitio e natureza, contra a idéia de convocar-se uma Assembleia Nacional Constituinte. Cabe-lhe (ou, melhor, cabe a seus dirigentes) fazê-lo. Afinal de contas para isso foi criado o partido. Mas não se iludam os defensores da situação: a idéia de que à Nação inteira incumbe a responsabilidade de decidir sobre suas instituições e seu destino não é privilégio dos convencionais do MDB. No fundo de sua consciência, os próprios arenistas, em sua maioria, sabem que outro caminho não há.

A força de uma nação repousa em sua Constituição, isto é, no conjunto de regras e leis, escritas ou não escritas, que, promovendo o equilíbrio entre a liberdade de seus cidadãos e a ordem necessária à sobrevivência da sociedade, garantem o pacto entre o Estado e as gentes. Pode-se argumentar, como de fato têm argumentado dirigentes arenistas, com a existência de uma Constituição em vigor. Deixando-se de lado as circunstâncias em que ela foi outorgada, é bom lembrar que um de seus artigos, acolhendo legislação excepcional, retira-lhe a força. Na declaração de direitos do homem e do cidadão, promulgada pela Assembleia Nacional Constituinte francesa, em 25 de agosto de 1789, há a conclusão de que o povo tem o direito de alterar ou revogar a sua Constituição. O Povo, voz das mais responsáveis, no Governo, reconhece a relatividade democrática sob a qual vivemos e pregam a necessidade de uma "lenta e gradual" distensão rumo à plenitude democrática que é o nosso destino necessário.

Um dos argumentos mais fortes dos que se opõem à convocação de uma Assembleia Na-

Belo Horizonte

cional Constituinte é o de que o momento se mostra inoportuno. A realidade demonstra a sua fraqueza. O momento parece oportuno. O País se encontra em paz, graças a incansáveis esforços do Governo e graças à paciência conciliadora dos homens mais responsáveis da Oposição. As contestações desvairadas perderam-se em sua própria inutilidade. Se há embates, são os sadios embates cívicos. A Oposição, partidária e extrapartidária, vem lutando com suas idéias, sua crítica, seus avisos. A paz, sabemos todos, não é o silêncio. Quando há silêncio, não há paz; há medo. Somente uma Assembleia Nacional Constituinte, escolhida livremente pelo povo brasileiro, poderá avaliar, sem paixão, os serviços prestados ao País pela Revolução e, da mesma forma, corrigir os erros trazidos pelas circunstâncias especiais dos últimos treze anos. Nada há que impeça o Estado de Direito. Os próprios êxitos do Governo revolucionário conduziram-nos a esta situação favorável a uma nova Constituição, serena e equilibrada.

Argumentam, os líderes arenistas que o povo está satisfeito com a Revolução, e isso ficou demonstrado nas últimas eleições. Se assim é, por que não convocar-se a Constituinte? O povo, estando satisfeito com o Governo, votará nos candidatos da Arena, e a Arena terá a maioria na Assembleia para confirmar o mandato da Nação, votar uma Carta Magna dentro de suas idéias e princípios.

M. S.